

Temas atuais: ideologia de gênero, poliamor, homossexualidade¹

1. Uma delimitação do tema

O tema proposto para esta aula é muito amplo, então decidi concentrar-me no primeiro dos três, abordando-o com um mínimo de profundidade. Achei oportuno focar na ideologia de gênero e tocar nos outros dois tópicos apenas colateralmente².

A razão para essa escolha é que a ideologia de gênero apareceu só recentemente e, ao contrário dos outros temas, quase não contamos com pronunciamentos do magistério que a estudem em profundidade.

No entanto, o Papa Francisco condenou essa ideologia em inúmeras ocasiões, chamando-a de colonização ideológica que, tentando eliminar as diferenças naturais entre as pessoas, acaba atentando contra a Criação. Ele também alertou contra as tentativas de impô-la aos países e às famílias, especialmente por meio da doutrinação nas escolas. Ao mesmo tempo, acrescenta que denunciar a ideologia de gênero não implica negar ajuda ou companhia aos homossexuais, tanto por parte da própria família quanto na Igreja.

2. O que é ideologia de gênero

A ideologia de gênero nasceu por volta de 1960. Em sua origem está o feminismo radical, do qual, como veremos, se separou progressivamente até entrar em conflito com ele nas últimas décadas. Importantes autores dessas tendências, que têm muito a ver com a chamada revolução sexual (mistura de feminismo, comunismo e freudianismo) são Herbert Marcuse (1898-1979) e Simone de Beauvoir (1908-1986). Este famoso autor francês cunhou em 1949 o famoso aforismo: “Você não nasce mulher, eles fazem de você uma mulher”, mais tarde completado pela ideia paralela “você não nasce homem, eles fazem de você um homem”. Os críticos dessa teoria de gênero opõem a ela um modelo que defende justamente o contrário, ou seja, que você nasce homem ou mulher. Nas últimas décadas, essa ideologia encontrou um ambiente favorável na antropologia individualista do neoliberalismo radical.

O feminismo buscou inicialmente o reconhecimento - em grande parte legítimo - dos direitos das mulheres: votar, ter autonomia em relação aos pais ou ao cônjuge (na Espanha, até meados do século XX, elas precisavam de permissão para sair de casa, obter o passaporte, realizar certas transações econômicas, etc.), decidir sobre sua vida, etc. Pouco a pouco, o desejo de emancipação concentrou-se numa suposta libertação da família e da maternidade (incluindo a reivindicação do direito ao aborto), consideradas como a origem de toda a submissão das mulheres. De fato, o feminismo radical fala da necessidade de uma desconstrução da sociedade a partir da família e da educação dos filhos. Mas ele quer fazer isso para que *a mulher* seja autônoma, seja dona de sua vida e de seu corpo, livre de estereótipos sexuais, não para que deixe de ser mulher. Aqui encontramos o

¹Neste texto, utilizo várias fontes: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Família, matrimônio e “uniões de fato”*, 26 de julho de 2000

(https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001109_de-facto-unions_sp.html); J. MORALES, *The so-called “gender ideology”. Principais características e objeções* (texto inédito); M.F. BURBIDGE, *A Catechesis on the Human Person and Gender Ideology*; J. ERRASTI, M. PÉREZ ÁLVAREZ, N. DE ARQUER, *Mamá, soy trans. Una guía para familias de adolescentes con conflictos de género*, Deusto, Bilbao 2023. Às vezes citarei esses textos literalmente, em outros modificando seu conteúdo ou integrando-o com outros ou com reflexões pessoais, etc. Devido à natureza não acadêmica ou direcionada à publicação dessas páginas, não farei citações literais.

²Entre a abundante bibliografia que trata adequadamente da homossexualidade, tanto do ponto de vista científico quanto compatível com a antropologia cristã, cfr. A. CENCINI, *Omosessualità strutturale e non strutturale. Contributo per un’analisi differenziale (I)*, «Tredimensioni» 6 (2009) 31-42; IDEM, *Omosessualità strutturale e non strutturale. Contributo per un’analisi differenziale (II)*, «Tredimensioni» 6 (2009) 131-142; J. DE IRALA ESTÉVEZ, *Comprendiendo la homosexualidad*, EUNSA, Pamplona 2006; J. NICOLosi, *Cómo prevenir la homosexualidad: los hijos y la confusión de género*, Palabra, Madrid 2009; J. HARVEY, *Same Sex Attraction: Catholic Teaching and Pastoral Practice*, Knights of Columbus Supreme Council, New Haven (CT) 2007 (disponível em: <http://www.kofc.org/un/en/resources/cis/cis385.pdf> (14.11.2020)).

principal ponto de atrito entre o feminismo radical e a ideologia de gênero, para a qual o fato de ser mulher é intrascendente.

O que tradicionalmente tem sido chamado de *sexo* faz referência à natureza humana e envolve duas possibilidades: homem e mulher. De acordo com a ideologia de gênero, pelo contrário, as diferenças entre homem e mulher não derivam de uma natureza dada no princípio, mas seriam construções culturais, feitas pela sociedade ao longo do tempo; ou seja, corresponderiam a papéis socialmente construídos.

Costumam distinguir entre sexo biológico (a corporeidade de uma pessoa, que geralmente corresponde ao *gênero atribuído* a uma pessoa no momento do nascimento; retornaremos mais tarde à palavra atribuída), sexo psicológico (que se refere às experiências psíquicas de um ser humano como homem ou mulher) e sexo sociológico ou civil (o papel social que se desenvolve, como os outros o conhecem e o chamam, etc.). De acordo com essa teoria, o que importa são os aspectos subjetivos e a interação social, não o que nos é imposto ao nascer pela natureza ou pela pessoa que nos registra no registro civil. Portanto, o sexo psicológico e civil corresponderia ao gênero (que é a única coisa relevante), enquanto o sexo biológico ou atribuído seria algo dispensável (ou modificável por meio de hormônios e cirurgia).

O termo *gênero* refere-se a uma identidade genérica independente do sexo biológico e implicaria todo um espectro (entre os extremos masculino e feminino) que inclui homens heterossexuais, mulheres heterossexuais, homossexuais, lésbicas, bissexuais, indiferenciados, queer, etc. (LGTBIQ+; o “+” representa o etc.).

Para complicar as coisas, também é necessário distinguir entre:

- identidade sexual: sentir-se homem ou mulher, indiferenciado ou uma das muitas variantes propostas pelos grupos LGTBIQ+.
- orientação sexual: atração sexual exclusiva ou prevalente (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade), que geralmente se estabelece na adolescência, e tem uma base biológica sobre a qual atuam a educação, a cultura e as próprias experiências.
- comportamento sexual, que é o comportamento que a pessoa realiza.

3. Algumas respostas no nível antropológico

Na base de todas as ideologias e comportamentos mencionados no título desta sessão (ideologia de gênero, poliamor, homossexualidade) há uma dicotomia entre o que a pessoa é subjetivamente e o seu corpo. Não se trata mais da divisão corpo/alma, mas de uma ruptura na pessoa: o indivíduo é *sua subjetividade*, e o corpo é simplesmente algo que ele usa para realizar o que quer (no caso da atividade sexual, para obter prazer).

O cristianismo, ao contrário, sempre afirmou que a pessoa humana é uma unidade de alma e corpo, e teve que defender essa doutrina com força especial tanto diante da visão platônica do corpo como prisão da alma quanto diante da divisão cartesiana entre *res cogitans* e *res extensa*. Por exemplo, Santo Agostinho afirmou que, após a morte, a alma permanecerá em um estado de tensão que só terminará quando se reunir com o corpo na ressurreição, no final dos tempos: então a pessoa poderá desfrutar plenamente da visão de Deus no Céu. Os extremos se tocam e os diferentes materialismos e espiritualismos concordam em dizer que não importa o que se faça com o corpo, afirmando respectivamente que é apenas um punhado de barro (cientificamente falando um conjunto de átomos ou células) ou que a única coisa importante é a alma. Mas no corpo há também a imagem de Deus; muitos Padres e Doutores da Igreja o expressaram de maneira diferente, geralmente em relação com a Santíssima Humanidade de Cristo: Jesus Cristo quis assumir não apenas uma natureza humana, mas um corpo.

Além disso, de acordo com as Escrituras (cfr. *Gn 1, 27*) a pessoa humana é criada homem ou mulher. A alma humana é criada para animar e ser encarnada por um corpo particular, especificamente masculino ou feminino. O sexo de uma pessoa é uma realidade biológica imutável, determinada na concepção.

A sexualidade abrange todos os aspectos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito, particularmente, à afetividade, à capacidade de amar e procriar e, mais genericamente, à capacidade de estabelecer laços de comunhão com o outro.

Cabe a cada um, homem e mulher, reconhecer e aceitar sua *identidade sexual* (*Catecismo da Igreja Católica*, nn. 2332-2333).

Convém lembrar também que

a *diferença* e a *complementaridade*, física, moral e espiritual, são orientadas para os bens do matrimônio e para o desenvolvimento da vida familiar. A harmonia do casal humano e da sociedade depende, em parte, da maneira como a complementaridade, a necessidade e o apoio mútuo são vividos entre os sexos (*Catecismo da Igreja Católica*, 2333).

No que diz respeito à complementaridade sexual, o *Catecismo* lembra que

O homem e a mulher são feitos “um para o outro”: não que Deus os tenha feito “pela metade” e “incompletos”; ele os criou para uma comunhão de pessoas, na qual cada um pode ser “ajuda” para o outro porque são, ao mesmo tempo, iguais como pessoas (“osso dos meus ossos...”) e complementares como masculino e feminino (cfr. *Mulieris dignitatem*, n. 7). No matrimônio, Deus os une de tal maneira que, formando “uma só carne” (*Gn* 2,24), possam transmitir a vida humana: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra” (*Gn* 1,28). Ao transmitir a vida humana aos seus descendentes, o homem e a mulher, como esposos e pais, cooperam de forma única na obra do Criador (cfr. *Gaudium et Spes*, n. 50) (*Catecismo da Igreja Católica*, 372).

Sendo que a pessoa humana é homem ou mulher “na unidade de corpo e alma” (*Gaudium et Spes*, n. 14), a masculinidade ou feminilidade se estende a todos os âmbitos do seu ser: diferenças físicas, psíquicas, morfológicas e fisiológicas. Por exemplo, é bastante intuitivo - e um fato da experiência - que a mulher seja naturalmente dotada para o cuidado dos outros, com uma manifestação do afeto mais explícita, uma maior capacidade de compreender detalhes, etc. Todos esses traços favorecem a maternidade (dar à luz filhos e criá-los, especialmente nos estágios iniciais da vida), que é um papel que a natureza atribuiu exclusivamente à mulher.

No entanto, não se pode identificar nenhum traço psicológico ou espiritual que possa ser atribuído exclusivamente a um dos sexos, mas há características que ocorrem com mais frequência nos homens ou nas mulheres. Algo semelhante pode ser dito sobre os papéis sociais. Em outras palavras: há homens muito masculinos que se emocionam facilmente, são delicados e detalhistas e gostam de cozinhar; e também há mulheres muito femininas que têm um caráter confiante e enérgico, querem estudar engenharia e gostam de jogar futebol. Se identificarmos um traço de personalidade ou um papel social como exclusivo de um sexo, estaríamos cometendo um erro com essa pessoa (o que poderia causar dúvidas sobre sua identidade ou orientação sexual) e também estaríamos fazendo o jogo da ideologia de gênero.

Na dinâmica integrativa da personalidade humana, um fator muito importante é a identidade, que podemos definir de forma pouco acadêmica como a resposta às perguntas: *Quem sou eu?* e *O que eu sou?* Essa consciência de seu próprio ser - de ser *ele mesmo*, incluindo a dimensão sexual, e de ser diverso dos outros - é progressivamente adquirida durante a infância e adolescência, espera-se que já esteja estável no início da vida adulta (cerca de vinte anos) e continuará a se desenvolver ao longo da vida.

Na pessoa humana, o que anteriormente chamamos de sexo biológico, psicológico e social não são idênticos, mas também não são completamente independentes, mas estão harmonicamente integrados (mais que isso, complementam-se) na pessoa, em um processo que pode encontrar dificuldades ao longo da vida. O natural é que os três coincidam e, caso contrário, há algo anormal (que não implica necessariamente uma patologia). Algo semelhante acontece com a orientação sexual: o natural é que ela se desenvolva em um sentido heterossexual, mas não seria correto identificar a homossexualidade com a patologia. Do ponto de vista teológico, na falta de harmonia entre essas dimensões da pessoa humana podemos encontrar um traço da desordem introduzida na pessoa humana pelo pecado original.

Em suma, o termo *gênero* é válido como expressão de uma identidade sexual biológica, masculina ou feminina, livremente assumida. É, portanto, adequado para descrever aspectos culturais e relacionais que afetam a construção dos papéis de homens e mulheres no quadro social. Mas nem

todas as funções significam algo construído de acordo com a vontade humana, porque algumas têm uma raiz biológica.

3. A questão do transgenerismo

Em nossa sociedade, há um rápido aumento no número de pessoas que afirmam ter uma identidade contrária ao seu sexo biológico. As tentativas de acomodar tais afirmações já levaram a grandes mudanças em nossos sistemas sociais, legais e médicos.

Do ponto de vista médico, encontramos a disforia de gênero. De acordo com a *Associação Americana de Psiquiatria*, é uma condição psicológica em que um homem ou mulher sente que sua identidade emocional e/ou psicológica não corresponde ao seu sexo biológico e, conseqüentemente, experimenta um sofrimento clinicamente significativo. Em poucos anos, essa situação aumentou exponencialmente, da ordem de milhares de por cento. Estamos, sem dúvida, diante de um fenômeno de contágio social, que não teria sido possível sem as redes sociais.

Isso sempre aconteceu, especialmente em momentos como a adolescência, quando há rápidas mudanças físicas e psicológicas que a pessoa pode levar tempo para assumir (ou pode até nunca assumir totalmente). A novidade no momento é que, em alguns países, foi imposto que, nessa situação, a única resposta legítima é ajudar o adolescente a assumir essa sensação subjetiva e passar a mudar seu papel social e seu corpo para que ele se ajuste ao que sente que é (*terapia afirmativa*) sem tentar encontrar as causas que geralmente estão por trás dessa sensação.

A transição tem quatro estágios: social (mudança de nome... e pronomes como os outros têm que chamá-la), bloqueio da puberdade com hormônios, hormônio cruzado (testosterona para meninas ou estrogênio para meninos) e cirurgia (mastectomia com ou sem faloplastia para meninas, vaginoplastia para meninos). À medida que você avança nesse caminho, o dano é mais grave e irreversível. Na verdade, o fato de bloquear a puberdade já tem conseqüências: esse menino terá um atraso puberal que nem sempre é compensado. Por outro lado, a hormonação (não isenta de efeitos secundários) é necessária para a vida: o sujeito se torna um doente crônico. Finalmente, a cirurgia envolve a remoção de órgãos saudáveis quando o problema está na mente.

O perfil da pessoa que se autodenomina transgênero é distinto da homossexualidade. Neste último, geralmente encontramos um homem a partir dos 16 anos, enquanto o perfil da pessoa transgênero é uma menina a partir dos 13 anos. Por que essas variações? Muitos autores concordam que o problema tem a ver com a forma diferente como as meninas entram na adolescência. Pode-se dizer que, para os homens, o desenvolvimento puberal é geralmente recebido positivamente, até mesmo esperado: crescimento em altura, maior força física, capacidade sexual... incluído o crescimento da barba, habitualmente visto positivamente, apesar do desconforto do barbear-se. Para as meninas, pelo contrário, a puberdade pode ser traumática: a menstruação é objetivamente desconfortável e limitante; o crescimento dos seios pode ser desconfortável, obrigando a incorporar uma nova peça de roupa e, infelizmente, tornando-as objeto de comentários obscenos; o crescimento dos quadris (necessário para que um eventual bebê passe no parto) as faz perder a silhueta estilizada infantil, que faz parte do atual cânone de beleza... Se acrescentarmos a isso o complexo de castração (a “inveja do pênis”) que Freud definiu há um século (e que muitas mulheres afirmam ter tido), encontramos muitos elementos que levam uma jovem a rejeitar as mudanças que estão ocorrendo em seu corpo, seu corpo como um todo, sua feminilidade e, finalmente, o fato (biológico, verificável) de ser mulher.

Existem outros fatores que geralmente convergem e nos permitem ficar em alerta: dificuldades relacionais (especificamente, transtornos do espectro do autismo ou Asperger, em maior ou menor grau), *bullying* na escola, antecedentes de abusos (que levam à rejeição do corpo *maculado* e a ser uma menina frágil e abusável), consumo de redes sociais (fonte de refúgio, informação e afirmação de que não é uma menina), uma escola em que grupos pró-trans têm as portas abertas para lhes dar palestras e cursos, gosto por *mangás* e *animes* japoneses, ansiedade, depressão, transtornos alimentares, hiperatividade e uma longa lista de etc.

Para meninos e meninas com esses problemas, a descoberta da possibilidade de serem trans pode ser uma explicação de todas as suas dificuldades biográficas: porque sempre me senti diferente.

Acrescentemos a isso que os *influencers* apresentam a transição como o remédio mágico de todos os males que sofriam e uma fonte de felicidade como nunca sentiram antes (com a única exceção da resistência que sofrem por parte dos transfóbicos).

Por outro lado, não é oportuno esquecer a atração que o mundo trans exerce por um adolescente: ele é ao mesmo tempo transgressor, progressista, sofisticado, membro de uma minoria combativa, defensor dos direitos civis, semelhante aos seus ídolos do mundo do espetáculo, etc. Em muitos países, o afirmar “eu sou trans” abre a porta para a aceitação social (seja por convicção ou por medo de ser acusado de transfóbico). Como muitas vezes eles tinham apenas o problema de uma carência nesse âmbito, isso os reforçará. Pelo contrário, quando tentam recuar, encontram um monte de acusações de traição, transfobia...

Muitos autores acrescentam o sexismo de muitos raciocínios trans, que ampliaram a distância com o feminismo radical. A ideologia de gênero é muitas vezes baseada em estereótipos sexuais: você nasce menina, mas gosta de usar o cabelo curto, usar calças e jogar futebol... então você é um menino. Isso é exatamente o oposto do que o feminismo vem defendendo há mais de um século: você pode ser mulher e assumir papéis e comportamentos tradicionalmente atribuídos aos homens. De acordo com a ideologia de gênero, ser mulher não faz mais sentido, é apenas um sentimento mutável e líquido: “ser mulher é simplesmente... sentir-se mulher”.

Mesmo a orientação sexual tem sido objeto de disputas: você nasceu uma menina, mas gosta de meninas... então você é um menino (neste caso, os que fazem oposição são os homens e mulheres homossexuais). Em suma, o coletivo LGTBIQ+ foi quebrado, embora as siglas tenham sido assumidas pelo Q de *queer* (não sem a oposição dos outros).

Por fim, citarei algumas afirmações ouvidas com frequência desses jovens (na verdade, são divulgadas nas redes e os adolescentes as repetem quase literalmente), perante as quais podemos dar resposta:

- Nasci no corpo errado: como diz um livro recente publicado em espanhol, ninguém nasce no corpo errado. Cada um nasce no corpo que lhe coube, quer goste ou não (mais ou menos forte, orelhas maiores ou menores...). É preciso investir na aceitação e na reconciliação com o próprio corpo.
- O gênero é escolhido: sabemos pela biologia que o sexo de uma pessoa é geneticamente determinado desde a concepção, coisa que se reflete em cada uma das células de seu corpo. Assim como o corpo nos fala sobre nós mesmos, nosso sexo biológico indica de fato a nossa identidade inalienável como homem ou mulher.
- A expressão “sexo atribuído ao nascer” é profundamente errônea. O sexo não é atribuído (como as casas de Harry Potter), mas é constatado. Sem entrar em detalhes, ele é muito evidente já durante a gestação a partir do terceiro mês.
- Melhor ter um filho/filha trans do que uma filha/filho morto. Este é um argumento de pressão que é frequentemente usado pelo adolescente (ou seu psicólogo, ou seus professores...) quando os pais estão relutantes em permitir a transição. Deve ser lembrado que, embora o risco de suicídio entre pessoas trans seja maior do que a média, infelizmente também é maior em pessoas que fizeram a transição.

4. Aspectos pastorais

Nesta última seção, mencionarei algumas atitudes que nós, como pastores, podemos tomar, bem como conselhos que podemos oferecer às pessoas que nos pedem conselhos, sejam elas os mesmos sujeitos que se autodenominam transgêneros (também farei alguma menção à homossexualidade) ou seus pais.

Começarei com um princípio geral. Como atender essas pessoas? A resposta é, em princípio, fácil: como o próprio Cristo o faria, com fina caridade, sabendo que são pessoas que sofrem e que, independentemente do que tenham feito no passado, continuam a fazer no presente ou planejam fazer no futuro, são filhos amados de Deus e, se é o caso, membros da Igreja.

Esses conflitos internos não são pecaminosos em si mesmos, mas devem ser entendidos como uma desordem que pode levar a uma ação moralmente negativa. Não são, portanto, situações neutras ou indiferentes. Um objetivo é que a pessoa aceite o que é (dito negativamente: que ela não negue a si mesma uma tendência homossexual ou uma disforia de gênero), mas isso não significa que ela se deixe levar pelo que lhe pede essa inclinação. Ao mesmo tempo, ao responder a essa pergunta com respeito, justiça e caridade, não se pode negar ou obscurecer a verdade sobre nossa natureza criada e nossa sexualidade humana.

É preciso ter em mente que quando o adolescente se revela aos pais como trans já é bastante tarde (o que não significa tarde demais): há meses ele vem recebendo informações tendenciosas por meio das redes sociais.

Alguns conselhos concretos, sem querer ser exaustivo:

- A primeira coisa é a prevenção: estar atentos aos fatores de risco que dissemos (principalmente dificuldade de integração) e atenção ao celular: limitar as horas que o adolescente pode usá-lo e (inegociável nos mais jovens) proibir levá-lo para o quarto à noite.
- Discordar não é odiar. Posso discordar de uma pessoa sobre sua religião, sua orientação política, seu sistema ético e seu time de futebol..., mas isso não significa que eu a odeie.
- Aumentar o diálogo dentro da família. Como vimos, o dizer “eu sou trans” abre a porta para a aceitação social. Como muitas vezes eles tinham apenas o problema de uma carência nesse âmbito, isso os reforçará. Pelo contrário, os pais e conhecidos devem prestar atenção a isso... por outras razões que não a questão trans (ou seja, não reduzir todas as conversas familiares à oportunidade ou não de fazer a transição, mas ir com o jovem ao cinema, comer, passear...). E, certamente, rezar com ele.
- Esclarecer as diferenças que mencionamos antes entre sexo, gênero, papel social, orientação sexual, etc. No caso das meninas, que ela critique os padrões com os quais não se sente confortável (meninas com maquiagem e vestidas com roupas justas).
- Prestar atenção ao papel que a pornografia na internet pode ter desempenhado no problema. A Internet está se tornando uma escola de comportamento sexual para toda uma geração. O mesmo poderia ser dito de séries e filmes.
- Deslocar a atenção do adolescente para longe de si mesmo e de seu corpo. Procurar que tenha hobbies e relacionamentos fora da internet, especialmente ao ar livre.
- Ajudar a expressar e gerenciar seu mundo emocional, para que não concentre todo o problema (e a solução) na questão de gênero.
- Que encare sua vida com uma perspectiva mais objetiva. Por dez, quinze anos, não teve dúvidas de que era uma menina ou um menino. O que aconteceu? Tem certeza de que estava errado antes e agora não?
- Convém que vá a um psicólogo (obviamente não ideologizado) para ver o que está por trás disso. Não se trata de patologizar a situação, mas de agir como em tantas situações em que uma pessoa não está bem consigo mesma. As pessoas também vão ao psicólogo perante uma situação estresse ou de uma separação conjugal, mesmo que não haja diagnóstico de doença.
- O objetivo básico é ganhar tempo: boa parte dos adolescentes com esses problemas acaba desistindo da intenção de fazer a transição dentro de muitos meses ou de poucos anos. Às vezes, de modo surpreendente, eles levam pouco tempo para mudar de ideia: por acaso, alguém se surpreende que um adolescente mude de ideia rapidamente, mesmo tendo defendido radicalmente a anterior? Pelo contrário, há muitas mães que dizem: “Eu também tive pensamentos desse tipo quando era adolescente; ainda bem que a ideologia de gênero não estava na moda na época, porque eles passaram quando amadureci um pouco”. Problema: Pedir paciência a um adolescente é quase uma *contradictio in terminis*.

- Às vezes, isso envolve ceder em pontos dolorosos, como os nomes e pronomes. Não se podem fazer generalizações, mas pode ser melhor chamá-lo como pede do que não ter nenhuma comunicação com ele ou ela. No entanto, a mudança de pronome não é iníqua (mas não falar com seus pais também não é...). Insisto: é importante que o afeto e a comunicação na família não sejam perdidos.
- Convém que os pais se informem e se formem. Em muitos países, existem associações de pais que trocam informações e apoio.
- Vale a pena sentar-se com o adolescente para navegar na internet e comentar juntos (sem entrar em discussões inúteis) sobre o conteúdo que encontrem. Será o caminho para que eles conheçam os efeitos colaterais dos medicamentos, os problemas psicológicos que permanecem após a cirurgia, as taxas de suicídio daqueles que fizeram a transição... Certamente, as redes não lhes falaram disso.
- Pode-se mostrar a eles, por exemplo, que países como Inglaterra e Finlândia reverteram suas políticas que facilitavam a transição. A Finlândia, por exemplo, rejeita cirurgias para menores de 25 anos.
- Os pais devem dizer ao adolescente que o amam. E que é por isso que eles resistem à transição. Que eles vão amá-lo, seja o que for que ele faça.

Termino com algumas palavras do Papa Francisco nas quais ele aborda o assunto:

Não se deve ignorar - escreve o Papa Francisco - que "o sexo biológico (*sex*) e o papel sociocultural do sexo (*gender*) podem ser distinguidos, mas não separados" [relatório final do Sínodo de 2015 sobre a Família] (...). Uma coisa é entender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra coisa é aceitar ideologias que buscam dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade (*Amoris Laetitia*, 56).